



Sobre línguas e culturas

Maria Filomena Capucho (Universidade Católica Portuguesa)¹

RESUMO: Neste artigo, revisitaremos a relação tradicionalmente estabelecida entre língua e cultura, procurando demonstrar a existência de diversidades culturais no contexto de um mesmo sistema linguístico e, simultaneamente, a progressiva construção de identidades culturais translinguísticas. As “culturas nacionais” surgirão assim como um mosaico policromo onde a unidade é heterogeneamente composta de tonalidades diversas, gerando relações de aproximação e de afastamento intra e extra sistema.

Palavras-chave: Língua; cultura; identidades culturais; multilinguismo; políticas linguísticas

Introdução

O debate recente sobre o desenvolvimento de políticas multilingues na Europa vs a defesa do Inglês como língua de comunicação internacional (*English as an International Language, English as a Lingua Franca, World Standard English* ou *Global English* – cf. PRICE, 2004) leva-nos forçosamente a visitar a relação entre língua e cultura e a repensar o papel da língua na construção de identidades individuais e colectivas (sociais) e, conseqüentemente, na comunicação intercultural.

Tal necessidade é tanto maior quanto, num mundo marcado por fenómenos de globalização e de crescente mobilidade social, onde os contactos internacionais se tornam cada vez mais fáceis e frequentes, tornando-se uma componente quase inevitável da vida quotidiana dos cidadãos (quer ao nível pessoal, quer ao nível profissional) não parece haver dúvida de que as culturas se entrecruzam em diálogos mais ou menos conflituosos e as sociedades e os indivíduos se tornam progressivamente permeáveis a influências externas que em muito transformam a dinâmica cultural local e nacional. Por outro lado, e também enquanto resultado desse contexto político, económico e social, a mentalidade pós-moderna caracteriza-se por uma crescente multiplicação de identidades pessoais:

It is often said, in fact, that one of the hallmarks of the postmodern mentality is the fragmentation of identity. People no longer experience a single personal identity, but they exhibit a number of different, possibly shifting identities, of a professional, social, ethnic, cultural nature. (GEERAERTS, 2003, p. 27)

A utilização do lexema “cultural” na citação acima transcrita suscita-nos, porém, algumas reflexões. Não serão as identidades profissionais, sociais e étnicas manifestações de cultura? Afinal, o que é a cultura?

Na literatura actual, as definições abundam, provindas de campos epistemológicos mais ou menos próximos, como a antropologia, a etnometodologia, a linguística ou a psicologia social. Partiremos de uma simples definição de Kluckhohn (1959) segundo o qual a cultura é uma forma de pensar, de sentir e acreditar, que completaremos com a posição de Kövecses (2005; p. 1):

¹ fcapuco@gmail.com



In line with some current thinking in anthropology, we can think of culture as a set of shared understandings that characterize smaller or larger groups of people (e.g., D'ANDRADE, 1995; SHORE, 1996; STRAUSS AND QUINN, 1997). This is not an exhaustive definition of culture, in that it leaves out real objects, artifacts, institutions, practices, actions, and so on, that people use and participate in any culture, but it includes a large portion of it: namely, the shared understandings that people have in connection with all of these "things."

Acrescentaremos que adoptamos ainda a concepção semiótica de Geertz (1973, p. 4) - "The concept of culture I espouse. . . is essentially a semiotic one. Believing, with Max Weber, that man is an animal suspended in webs of significance he himself has spun, I take culture to be those webs [...]"- e que, portanto, consideraremos a língua como um elemento constitutivo dessas teias de sentido.

A cultura será, assim, simultaneamente uma herança social e um constructo individual, resultado de aprendizagem (experiencial, na grande maioria dos casos), que corresponde ao conjunto de representações que os grupos sociais (e os indivíduos neles inseridos) constroem sobre o mundo.

Mas qual é, então, a relação que se estabelece entre cultura, língua e comunicação e entre estas e a cognição?

Adoptando a perspectiva semiótica de Geertz, poderemos afirmar que cultura é língua e comunicação, numa relação de inclusão única. Se partirmos da citação de Caune (1995, p. 7)

aucune figure de dualité – complémentarité, opposition ou différence - ne satisfait le rapport d'inclusion réciproque qui fait qu'un phénomène de culture fonctionne aussi comme processus de communication, qu'un mode de communication soit également une manifestation de la culture.

daremos um passo essencial: a passagem do abstracto, do dia-sistema (a Língua /a Cultura) às realizações concretas, ao nível dos usos (linguísticos – modo de comunicação – e culturais – manifestações de cultura). Assim, língua e cultura aparecem como abstrações marcadas pela heterogeneidade e pela diversidade. Dado que tudo o que é social é cultural, propomos transformar o esquema de Fairclough (1989, p. 29), inspirado em Foucault (1969, 1971), aplicando-o ao binómio língua/cultura.

Ordem Social (Cultural)	Ordem do discurso
Tipos de práticas culturais	Formações discursivas
Práticas Reais	Discurso em Situação
Eventos culturais	Textos

No que diz respeito às relações entre língua e cognição, muito embora tenha sido largamente desenvolvida nas últimas décadas, nomeadamente no âmbito dos



estudos em Linguística Cognitiva, a questão parece não ter ainda obtido resposta consensual:

Numerous studies have recently been published on the theme of cognition and language; yet, most tend to avoid characterising this difficult relationship.[...] Research on the 'relationship question' has been actively revived in the 1990s (e.g. LUCY, 1992a & b; GUMPERZ & LEVINSON, 1996; Niemeier E DIRVEN, 2000; PUTZ E VERSPOOR, 2000; DANZIGER, 2001) – POURCEL, 2001

Apesar disso, retomaremos a hipótese de Sapir-Worf, segundo a qual a língua exerce influência sobre o pensamento dos falantes. De facto, se o homem constrói o mundo através de processos referenciais, a língua funciona como um filtro sobre o mundo (a)percebido, organizando-o de forma específica.: “[...]to imagine a language means to imagine a form of life” (WITTGENSTEIN, 1953 aforismo 19) ¹.

1. Cultura e Culturas – o exemplo do caso europeu

No seu prefácio a « Une idée de l'Europe » de Steiner (2005, p. 7), Barroso fala de: “... a cultura e a sua expressão em termos de *unidade na diversidade* que nos candidata à esperança quando pensamos no futuro da Europa”. Não abordaremos aqui as questões da unidade cultural possível na Europa, nem o debate sobre o que caracterizará uma identidade europeia, mas tentaremos equacionar teoricamente uma forma de representar a diversidade, ou as diversidades (como o veremos adiante) culturais no contexto europeu do século XXI.

Interrogar-nos-emos assim sobre a estrutura cultural compreendida por uma língua (muitas vezes, no caso europeu, um país). Quais são as diferentes componentes desta estrutura, como se entrecruzam nela as redes de interações diversificadas que referimos anteriormente e qual a permeabilidade dessas redes?

O esquema seguinte ilustra visualmente a perspectiva que propomos:

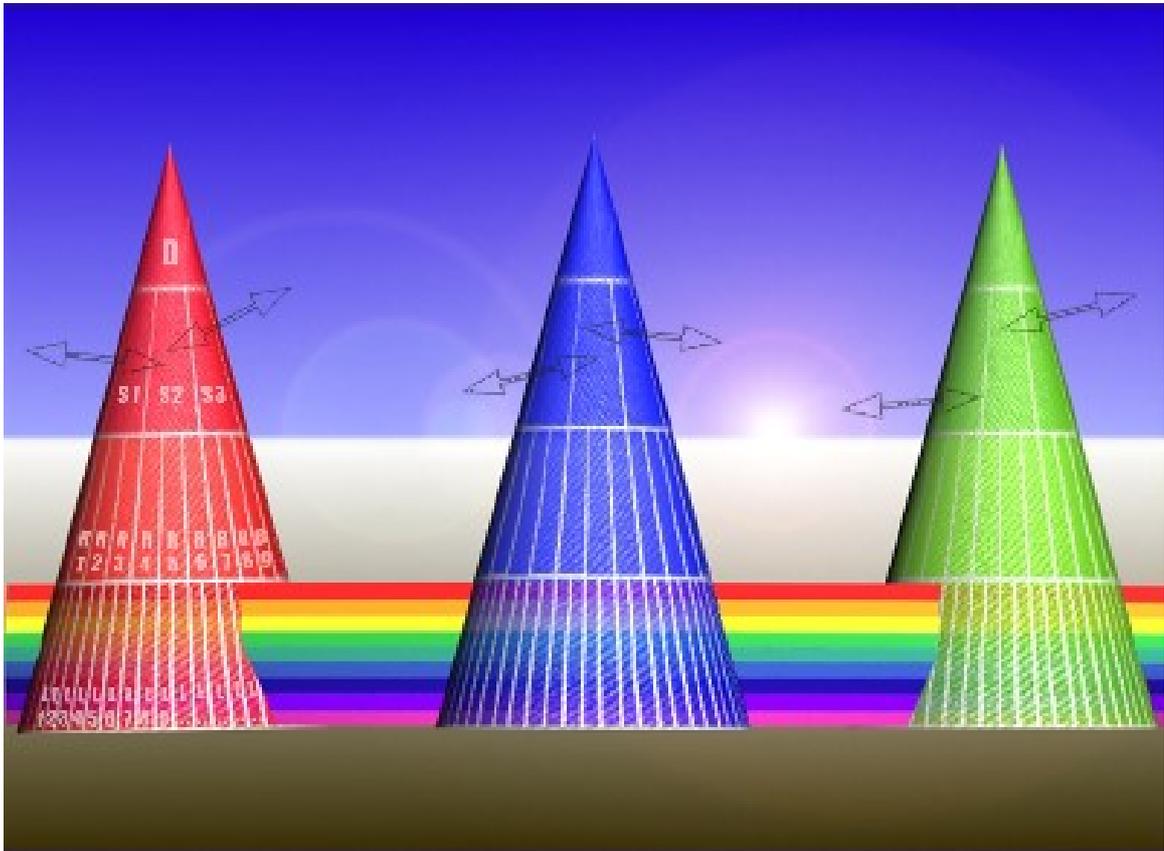


Figura 1

No Esquema da Figura 1, os cones (vermelho, azul, verde) representam, cada um, uma língua/cultura específica. Assim, por exemplo, o cone vermelho representará a língua/cultura francesa, o azul a língua /cultura portuguesa, o verde a língua/cultura neerlandesa.

Tomemos, para fins de explicação, o cone vermelho. A zona superior, no topo da pirâmide, representada pela letra D, corresponde ao dia-sistema de língua/cultura, entidades abstractas, de carácter geral. Logo abaixo, e ainda num nível de abstracção, encontramos os diferentes sistemas linguísticos e culturais nacionais, que se incluem no dia-sistema. Neste caso concreto (e porque apenas nos referimos ao contexto Europeu), teremos então o Francês de França (S1), o Francês da Bélgica (S2), o Francês da Suíça (S3) e o Francês do Luxemburgo (S4).

No nível imediatamente inferior, encontramos, ainda a um nível abstracto, as variantes regionais de cada um destes sistemas (R1, R2, R3, R4.....).

Na base da pirâmide, representado pela letra L, chegamos ao nível local concreto e ao discurso efectivamente produzido pelos Locutores, geograficamente situados em espaços definidos.

O espaço representado pelo cone corresponde, assim, ao que chamaremos “culturas verticais”, geograficamente situadas em paralelo umas às outras, opondo-se a outro tipo de culturas que, adiante, definiremos e que denominaremos “horizontais transversais”. Este espaço das culturas verticais constitui o pano de fundo (a cor específica) que influenciará, desde o início da sua vida em sociedade, a



identidade cultural de cada indivíduo. Ele será, para a maioria dos indivíduos, o espaço de influência da sua língua materna.²

Distinguimos, portanto, no âmbito das culturas verticais:

1.1. Culturas nacionais

As culturas nacionais correspondem a unidades que cobrem o espaço geográfico dos estados, definidos politicamente, e que os suportam do ponto de vista identitário. Falar-se-á, assim, de “cultura francesa”, de “cultura portuguesa” de “cultura neerlandesa”. No caso de estados multilingues (como a Bélgica ou a Espanha), a cultura nacional é marcada pela pluriculturalidade, relacionada com a co-existência de diferentes línguas no seu espaço físico (o que seria representado por vários cones de cores diferentes).

No entanto, mesmo nos estados monolingués, as culturas nacionais são marcadas pela heterogeneidade, pela diversidade. Sob um fundo histórico comum, as culturas declinam-se numa variedade de representações simbólicas e actanciais. As culturas nacionais constituem, pois, ainda, di-sistemas, abstracções.

1.2. Culturas regionais

Tal como as culturas nacionais, as culturas regionais correspondem a espaços geograficamente delimitados. Reunindo grupos mais restritos de falantes, elas caracterizam-se por uma consciência comum de diferença – a identidade cultural regional constrói-se numa relação de oposição com outras identidades regionais e com a identidade nacional.

1.3. Culturas locais

Correspondem a usos discursivos e culturais específicos e concretos, inseridos em contextos e co-textos configurados no espaço da vida quotidiana dos falantes e que apresentam traços representacionais comuns. É a este nível que a cultura (colectiva e individual) se entrecruza sistemicamente com outras culturas, que caracterizaremos seguidamente, e a que chamaremos “culturas horizontais transversais”.

Esta construção geométrica é, no entanto dinâmica, como se, ao girar em torno do seu eixo, o cone se tornasse permeável a influências externas, e por sua vez, provocando ele mesmo influências sobre o exterior. Este movimento dinâmico de toda a cultura (e língua) nacional é, no esquema, representado pelas setas bidireccionais. Tal como a língua, a cultura que a enforma e que é por ela (re)criada, é um fenómeno em permanente transformação, aberto a interacções com o exterior.

Todavia, os usos linguísticos e as práticas culturais não dependem unicamente da construção vertical que acabamos de descrever; eles são igualmente determinados por uma rede de interacções sistémicas com o que denominamos “culturas horizontais transversais”, que definem os grupos sociais e os indivíduos, para além do fundo comum da cultura nacional.



Essas culturas, representadas na Figura 1, pelo arco-íris de oito cores que percorre transversalmente a base dos cones, são de carácter translinguístico (porque não são exclusivas de uma língua única) e são partilhadas através de línguas de comunicação diversas. São, pois, culturas multilingues na sua essência, que caracterizam, reúnem e aproximam grupos sociológicos multiculturais.

- 1.4. **Culturas geofísicas** – ligadas ao tipo de meio-ambiente circundante : o mar, a planície, a montanha. O espaço físico de desenvolvimento e socialização determina visões e representações específicas do mundo. Numa cultura de “montanha”, por exemplo, é natural que o factor “altitude” seja importante na vida quotidiana dos falantes e, por isso, seja um elemento conhecido por todos; numa cultura marítima, o mesmo sucederá com o factor “marés”.
- 1.5. **Culturas geodemográficas** – em que a oposição se estabelece entre culturas urbanas e culturas rurais, determinando formas específicas de socialização e representações simbólicas de espaços (o café, a taberna, o metro, a rua, a praça, o caminho, a noção de distância...)
- 1.6. **Culturas organizacionais** – culturas específicas construídas no seio de organizações internacionais (multinacionais - como a IBM, a Nestlé, a Grundig,.. – associações – as ONG e suas delegações em todo o mundo - organismos oficiais ou privados, como por exemplo a UNESCO ou a OIT) e que se desenvolvem num quadro institucional restrito, mas multinacional. Cada instituição constrói uma identidade cultural específica, ligada a processos e finalidades, que determina formas de comunicação e de interacção específicas, que moldam a vida social dos seus elementos e a imagem exterior da organização.
- 1.7. **Culturas profissionais** – é cada vez mais frequente que, num espaço geo-sociológico marcado pela mobilidade, novos grupos sociais se constituam, em volta de experiências de formação comum (como, por exemplo, “os estudantes Erasmus”), de interesses profissionais (a comunidade académica), de saberes partilhados. Estes grupos são transnacionais e partilham um estatuto social, uma profissão, motivações, interesses pessoais (no campo de actividades de tempos livres, por exemplo: o golfe, as viagens, a música...), que ultrapassam os limites das fronteiras entre os estados. Estas “culturas profissionais” reúnem, pois, grupos de indivíduos situados num *continuum* geográfico e correspondem, muitas vezes, a uma estratificação de classes sociais comum a vários contextos nacionais.
- 1.8. **Culturas geracionais**
A “globalização” do acesso à informação e dos hábitos de consumo, a possibilidade de mobilidade (física ou virtual) e de contactos directos permitem, cada vez mais, a partilha de hábitos, referências, representações e necessidades no seio de grupos do mesmo nível etário. Falar-se-á assim de *cultura jovem*, *cultura de adultos*, *cultura da 3ª idade*, em suma, de culturas de gerações cuja unicidade é vivida por oposição umas às outras (criando, por



exemplo, hábitos de consumo específicos) e cuja diversidade é determinada sobretudo por dissemelhanças ancoradas nas diferenças “horizontais” de classe e/ou de profissão.

1.9. Culturas de género

Paralelamente às especificidades culturais supranacionais relativas à classe social, à profissão, à localização geofísica ou demográfica, à idade, um outro factor é gerador de unicidade transcultural (provocando, simultaneamente, numa relação em espelho, diferenças intranacionais): o género. Discurso masculino e discurso feminino foram (e continuam a ser) objecto de estudos sociolinguísticos frequentes, no âmbito do que é habitual chamar-se “Gender Studies”, provando que a cultura se declina de modo diferente no masculino e no feminino.

1.10. Culturas étnicas

A pertença do indivíduo a um grupo étnico (sobretudo quando essa pertença é identitariamente reivindicada) permite-lhe partilhar todo um quadro de representações construídas ao longo dos séculos, que caracterizam justamente a imagem identitária desse grupo, para além dos limites da sua situação geográfica ou linguística

1.11. Culturas ideológicas

A influência de ideologias políticas ou religiosas dominantes, das igrejas ou das formas de governo, sobre o social e o individual, ao longo dos séculos, determina construções referenciais específicas, partilhadas (muitas vezes ao nível do inconsciente colectivo) pelos elementos dos diferentes grupos sociais. Haverá assim aproximações de representações entre sociedades de tradição religiosa católica ou entre sociedades dominadas durante décadas por um regime político comunista, só para referir alguns exemplos.

As culturas transversais são, pois, comuns a vários espaços linguísticos, atravessando-os como um arco-íris. A escolha da metáfora é deliberada: trata-se, não de camadas estanques, mas de fragmentos de um todo invisível, mas diverso, em que os diferentes feixes de cor têm uma espessura própria dentro de limites fluidos e difusos.³ As diferentes “culturas horizontais” que referimos caracterizam-se pela fluidez e pela indefinição dos seus contornos. Em interacção com as “culturas verticais”, elas tingem de diversas tonalidades o fundo cromático de uma cultura monolingué nacional, formando mosaicos multicoloridos que correspondem às representações culturais (semióticas) dos diferentes grupos sociais e dos indivíduos que neles se inserem.

2. Cultura(s) e comunicação

Qualquer nação e qualquer realidade social nacional são assim multiculturais e multidiscursivas, na medida em que são compostas de práticas culturais e discursivas diversas.



As *culturas horizontais transversais* são, por natureza, partilhadas e partilháveis. Na medida em que são culturas multilíngues, coloca-se então a questão da(s) língua(s) da comunicação dessas mesmas culturas partilhadas.

O acesso a produções e formas de cultura ao nível transversal está normalmente relacionado com o uso de línguas estrangeiras. E é neste ponto que o confronto entre a utilização de uma língua franca vs a comunicação multilíngue se coloca.

Observemos então a estrutura da relação língua/cultura no seio das duas hipóteses que se levantam ao nível da implementação de políticas linguísticas e educativas.

O cone relativo à concepção de uma língua de comunicação internacional, esvaziada de conteúdos culturais específicos seria, neste caso, inteiramente transparente e incolor, afastando a possibilidade de qualquer tipo de interacção entre uma cultura existencial de base e as representações veiculadas pela língua. No entanto, sabemos que a realidade, o mundo, é sempre apercebido através de um filtro linguístico, o que significará que cada indivíduo irá colorir o sentido de formas diferentes, associando os significantes da língua estrangeira ao seu fundo cultural de base. Assim, cada realidade construída através da língua estrangeira tomará as cores de cada fundo cultural específico, tornando-se diferente, única e logo... incomunicável. A polissemia assim associada a cada entidade linguística tornará impossível a partilha de sentidos. Na verdade, se as mesmas entidades linguísticas adquirem sentidos diversos segundo o fundo cultural do falante, e se esse fundo cultural é desconhecido do interlocutor (porque a ele não tem acesso), como é possível a interpretação? Como interpretar o discurso quando se desconhecem as representações que lhe estão subjacentes?

Afinal, qual o mundo específico construído através de uma língua esvaziada de cultura?

A tentativa de imposição do Inglês como língua franca parece negar a possibilidade de construção de redes interculturais eficazes, permitindo a partilha do pensamento. Propõe-se uma nova noção de competência comunicativa (“A new notion of communicative competence is needed, one which recognizes English as a world language.”, ALPTEKIN, 2002: 14), esvaziada de conteúdos culturais de forma a não perturbar as identidades de base dos falantes/aprendentes e não lhes causar confusões (cf. ALPTEKIN, 2002). Uma língua asséptica, esterilizada, artificial, que não abre portas ao desconhecido, correspondendo apenas a um mundo globalizado, uniforme e incolor que alguns querem apresentar como o único existente. Uma língua que nos permita falar, mas não comunicar, ou seja, interpretar e aceder ao mundo do outro. Uma língua que evitará o questionamento sobre a alteridade.

Um horizonte bem diferente parece-nos poder ser aberto pela comunicação plurilíngue.⁴ O conhecimento de várias línguas, a consciência das cores que as caracterizam culturalmente, permite a descoberta de várias culturas, levando à possibilidade da interpretação e da partilha de realidades culturais.

Tout individu a tendance à considérer que “sa”culture est “la”culture et se trouve enfermé à la fois dans l’ethnocentrisme, le sociocentrisme [...] et l’égocentrisme. C’est ce triple cercle qu’il faut briser et, de ce point de vue, le plurilinguisme, toujours lié à un pluriculturalisme,



fournit une condition favorable puisqu'il encourage une véritable décentration. (PORCHER, 2003, p. 94)

Promover o multilinguismo será, pois, oferecer aos indivíduos a possibilidade de viver num espaço de diálogo das identidades e das culturas, permitindo desenvolver as várias “cores do arco-íris”. Aprender uma língua estrangeira é simultaneamente aprender a mobilizar uma outra forma de construir o mundo e a construir-nos a nós próprios nesse mundo. É aprender a reconhecer a nossa identidade num espaço plural e diversificado, que vai para além dos limites do nosso “cone” de origem.

A competência plurilinguística é, pois, uma competência pluricultural (cf. BYRAM, 1988). Esta competência pluricultural abre o espaço à consciência da relatividade de conceitos e valores, à consciência da existência de outras formas de pensar e de organizar o mundo. Assim, mesmo que o conhecimento da língua do “outro” não seja perfeito, a comunicação é possível porque a interpretação é facilitada.

Do ponto de vista da construção de uma sociedade equilibrada no espaço europeu, esta posição parece-nos indispensável e urgente. Não esqueçamos que

[...] languages are not a mere means of communication. They contribute to a better knowledge of other European cultures and have a real potential for a deeper understanding between European citizens. Multilingualism policy aims at ensuring multiculturalism, tolerance and European citizenship. Widespread general competence in foreign languages also plays its part in keeping xenophobia and intolerance at bay. We have to understand each other if we want to reap the full benefits of the cultural, social and economic richness of our continent. (FIGEL, 2005)

O conhecimento de diferentes “culturas verticais” levará à possibilidade de partilha efectiva das “culturas transversais horizontais”, dado que a interpretação do modo como elas são filtradas e vividas nos diferentes contextos linguísticos se torna possível. Desta forma, as comunidades interculturais poderão ser consolidadas e os diferentes “mosaicos de tonalidades várias” poderão co-existir.

Torna-se claro que a posição que defendemos se insere no que Geeraerts denomina “the romantic model”: “the romantic approach values diversity as a recognition of a fundamental respect for different identities” (GEERAERTS, 2003, p. 13). Ao nível da implementação de políticas linguísticas e culturais, há que fazer opções baseadas não só na investigação teórica, mas também em concepções do mundo e da sociedade. É essa, também, a função do (socio)linguista.

ABSTRACT: In this paper, we will revisit the notion that is traditionally established between language and culture. We aim at demonstrating the existence of cultural diversities in the context of on and the same linguistic system and, simultaneously, the progressive construction of translinguistic cultural identities. The “national identities” will thus appear as a polychromatic mosaïque where unity is heterogeneously composed by diverse shades that create relations of closeness or distance intra and extra system.

Key words: Language; Culture; Social identities; Multilingualism; Linguistic policies



Notas explicativas:

¹ No entanto, para o desenvolvimento específico da questão, ver, por exemplo, o texto de Levinson (1999)

² Salvaguardamos o caso específico dos bilingues, ou trilingues, cujas línguas de socialização primeira ultrapassam o contexto nacional em que vivem e podem mesmo não corresponder à língua nacional do entorno.

³ A nossa posição é assim diferente da de Hofstede (1997) retomada por Choudhury (s/d). Para além de considerarmos um leque mais alargado de tipos de cultura, e de propormos uma rede interaccional sistémica enquanto estrutura de base, recusamos o conceito de níveis ou camadas ("levels", no texto de Choudhury (s/d). Não se trata de camadas distintas, mas de um todo apenas passível de fragmentação metodológica (como a luz decomposta no arco-íris), existente num espectro de interacções diversas e dinâmicas.

⁴ Anotamos, aqui, a polémica em volta da terminologia utilizada: multilinguismo ou plurilinguismo, multiculturalismo ou pluriculturalismo. Esta polémica é referida por Van de Craen e Perez-Vidal, entre outros autores:

We are aware of the fact that in some Anglo-Saxon literature multilingualism refers to societies where more than one language is spoken, be it officially or not, while plurilingualism refers to the fact that individuals speak more than one language. However, this terminology is not adopted by everyone working in the field. (VAN DE CRAEN E PEREZ-VIDAL, 2003, p. 1)

Utilizaremos o termo « multilinguismo » em relação às políticas linguísticas europeias, dado que ele surge frequentemente em documentos oficiais. Estas políticas visam simultaneamente a comunicação em espaço europeu (falar-se-á assim de uma *sociedade multilingue*) e a capacidade individual de dominar várias línguas (ou seja, de ser *plurilingue*).

Referências

ALPTEKIN, C. Towards intercultural communicative competence in ELT. *Revista ELT Journal* 56(1). Oxford University Press. p. 57-64, 2002

BARROSO, J. M. Prefácio. In: STEINER, G. *A Ideia da Europa*. Lisboa: Gradiva, 2005 (trad.) 64p.

BYRAM, M. Foreign language education and cultural studies. *Revista Language Culture and Curriculum* 1/1, p. 15-31, 1988

CAUNE, J. *Culture et communication*. Grenoble : PUG, 1995, 135p.

CHOUDHURY, I. *Culture*

Disponível em <<http://www.tamu.edu/classes/cosc/choudhury/culture.html> > Acesso em 16 Agosto 2006

DANZIGER, E. *Relatively Speaking: Language, Thought, and Kinship Among the Mopan Maya*. Oxford: Oxford University Press, 2001, 125p.

D'ANDRADE, R. *The Development of Cognitive Anthropology*. Cambridge: Cambridge University, 1995, 288p.

FIGEL, J. IN *European Commission. Key Data on Teaching Languages at School in Europe*. Bruxelles: Eurydice, 2005. Também disponível em

<http://www.eurydice.org/Doc_intermediaires/indicators/en/frameset_key_data.html>

Acesso em 16 Agosto 2006

FOUCAULT, M. *L'Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard , 1969, 275p.

_____. *L'Ordre du discours*, Paris: Gallimard , 1971, 81p.

FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. London/New York : Longman , 1989, 320p.

GEERAERTS, D. Cultural models of linguistic standardization. In: DIRVEN, R., FRANK, R. e PÜTZ, M. *Cognitive Models in Language and thought. Ideology, Metaphors and Meaning*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. Também disponível em

<www.ling.arts.kuleuven.ac.be/gling/Cultural%20models%20of%20linguistic%20standardization.pdf> Acesso em 17 Agosto 2006

GUMPERZ J.J. e LEVINSON, S. C. *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press.1996, 496p.

HOFSTEDE , G. *Cultures and Organizations: Software of the mind*. New York: McGraw Hill, 1997, 279p.

KLUCKHOHN, C. *Mirror for Man, The Relation of Anthropology to Modern Life*. New York: McGraw-Hill Education; New Ed edition, 1959, 272 p

KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, 336p.

LEVINSON, S. C. From outer to inner space: linguistic categories and non-linguistic thinking. In: NUYTS, J. e PEDERSON, E. (Ed.) *Language and Conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 13- 45

LUCY, J. *Language Diversity and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992 a, 340p.

_____. *Grammatical Categories and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press , 1992 b, 227p.

NIEMEIER, S. e DIRVEN, R. *Evidence for Linguistic Relativity*. Amsterdam: John Benjamins, 2000, 239p.

PORCHER, L. Le plurilinguisme: des politiques linguistiques, des politiques culturelles, des politiques éducatives. *Revista Le Français dans le Monde*, n° spécial, juillet, p. 91 – 95, 2003

PRICE, J. Of course it's English, it's in the dictionary! : Global English, Standard English, and the challenge to the English historical lexicographer. In: *Trans, Internet-Zeitschrift für Kulturwissenschaften*, 15Nr. Junho 2004.

Disponível em <http://www.inst.at/trans/15Nr/06_1/price15.htm> Acesso em 17 Agosto 2006

POURCEL, S. *Review of Nuyts e Pederson, Language and Conceptualization*, 2001. Disponível em < <http://linguistlist.org/issues/12/12-2920.html> > Acesso em 16 Agosto 2006

PUTZ, M. e VERSPOOR, M. (Ed.) *Explorations into linguistic relativity*. Amsterdam: John Benjamins, 2000, 369p.

SHORE, B. *Culture in Mind: Cognition, Culture and the Problem of Meaning*. New York: Oxford University Press, 1996, 448p.

STRAUSS, C. e QUINN, N. *A cognitive theory of cultural meaning*. Cambridge University Press, 1997, 335p.

VAN DE CRAEN, P. e PEREZ-VIDAL C. , Formation des enseignants pour les écoles plurilingues en Europe. Le projet ALPME : Programme de niveau avancé pour une éducation plurilingue, 2003.

Disponível em < <http://web.fu-berlin.de/elc/bulletin/9/fr/craen-perez.html>>. Acesso em 17 Agosto 2006

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations* (1ª ed. 1953) Prentice Hall; 3. ed., 1999, 250p.